

Jovens operários e operárias – experiência fabril e sentidos do trabalho¹

Maria Carla Corrochano

Resumo:

O artigo tem como referência a questão do trabalho e das percepções sobre este entre jovens trabalhadores da fábrica, realizando alguns apontamentos sobre a escolaridade. Para isto entrevista jovens operários e operárias a partir de um formulário com questões abertas e fechadas e o corpo administrativo de três fábricas do setor de autopeças de São Bernardo do Campo.

Inicialmente contextualiza a problemática do estudo e sua inserção na pesquisa educacional sobre a tríade: jovens, trabalho e escola. Em seguida apresenta elementos do perfil dos jovens investigados, focalizando alguns aspectos da experiência de trabalho desses na fábrica. Por fim, retrata os diferentes sentidos do trabalho na vida dos jovens operários e operárias.

Palavras-chave:

Mercado de trabalho. Desemprego.

Assessora do Programa Juventude da ONG Ação Educativa. Socióloga, doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo - USP.

Nos últimos anos, e de forma cada vez mais intensa, o mundo do trabalho vem atravessando transformações significativas: novas tecnologias e modelos organizacionais, surgimento e desaparecimento de ocupações, novos requisitos para obtenção de empregos, aumento do desemprego em termos de volume e tempo de duração. Essas mudanças, entretanto, não afetam de modo homogêneo e nem ao mesmo tempo os diferentes países, regiões, setores produtivos e perfis de trabalhadores (HARVEY, 1996).

Do ponto de vista técnico e organizacional, observamos novas realidades, sobretudo em empresas e cadeias produtivas mais avançadas, e, simultaneamente, a persistência de velhas realidades, especialmente em empresas de pequeno porte ou baixa capacitação tecnológica e gerencial (CORROCHANO, 2001; HARVEY, 1996; FERRETTI, 1994; LEITE, 1997; QUADROS, 1994, 1995).

No plano macroeconômico, o mercado de trabalho torna-se heterogêneo e fragmentado, observando-se uma camada de trabalhadores com alta qualificação, atividades em período integral e direitos trabalhistas assegurados, ao lado da grande massa de trabalhadores pouco qualificados, ocupando postos de trabalho precários, mal remunerados, muitas vezes sem quaisquer direitos trabalhistas, junto a um número cada vez maior de desempregados (GORZ, 1991; HARVEY, 1996). As transformações no trabalho e o aumento dos ganhos de produtividade não significaram aumento do emprego, tornando o desemprego um problema estrutural. Pochmann (1999, p. 39) nota que, “de uma população economicamente ativa estimada em 2,5 bilhões de pessoas em todo o mundo, cerca de 35% encontram-se atualmente na situação de subutilização do trabalho (desemprego ou subemprego).” No Brasil, embora parte dessas transformações estivesse presente no cenário econômico e social desde a década de 1980, tornaram-se mais intensas na década seguinte, tendo como grande marca a explosão da taxa de desemprego que aumenta rapidamente com a queda no ritmo da atividade econômica desde meados de 1995 (MATTOSO; BALTAR, 1996). Ao longo dos anos de 1990 vivemos a estagnação do nível de emprego formal, passando de 24,5 milhões de postos de trabalho em 1989 para apenas 25 milhões de ocupações formais em 1999 (IBGE/MTE, 1999). Em que pese seu método de aferição ter sido mais restrito², a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou o crescimento da taxa de desemprego aberto³ nos anos de 1990 de 3,4% em 1989 para 7,6% em 1999.

Nesse contexto, os jovens começam a ser reconhecidos como um dos grupos mais fortemente atingidos pelas transformações na economia e no mercado de trabalho (POCHMANN, 2000; QUADROS, 2002; CORROCHANO; GOUVEA, 2003; TREVISAN, 2004). Dados do último Censo do IBGE mostraram que enquanto o índice de desemprego considerando todas as faixas etárias ficou em 12,1%, entre os jovens de 15 a 24 anos atingiu o patamar de 18,1%. E se o desemprego atingiu 18,9% dos jovens entre 20 e 24 anos, entre aqueles de 15 a 19 anos foi ainda maior, alcançando 27,3% (TREVISAN, 2004). Na Região Metropolitana de São Paulo a taxa média mensal de desemprego total apurada pela Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)⁴ girava em torno de 19,8% em fevereiro de 2004, saltando para 57,4% entre jovens de 15 a 17 anos e 30% entre jovens de 18 a 24 anos, taxas sempre superiores às registradas em fevereiro de 2003 (SEADE/DIEESE, 2004).

Diante dessa conjuntura, como estão ou como se sentem os jovens? Não é possível construir uma análise homogênea. O olhar para a juventude deve considerar sua heterogeneidade para além da homogeneidade relativa a seu momento específico no ciclo da vida (SPOSITO, 1994; ABRAMO, 1994). Ou seja, são jovens que vivem os desafios atuais, e os de pertencerem a um determinado grupo social, sexo e etnia, apenas para ressaltarmos alguns aspectos mais centrais dessa diversidade, fortemente expressa quando o foco é a relação dos jovens brasileiros com o mundo do trabalho. Para alguns, o ingresso no mundo do trabalho é expectativa a ser concretizada após a conclusão dos estudos; para outros, o trabalho se impõe como experiência desde a infância, restringindo possibilidades de desenvolvimento. Há, entre esses dois grupos, diferentes trajetórias juvenis que podem combinar, simultaneamente, o mundo do trabalho e o mundo da educação.

Assim, procurando analisar como uma parte dos jovens vivem e significam o mundo do trabalho, tomaremos como foco jovens operários e operárias trabalhadores do setor de autopeças no município de São Bernardo do Campo.

Para além do reconhecimento dos jovens como um dos grupos mais fortemente atingidos pela crise e pelas mudanças no mundo do trabalho, a delimitação do nosso objeto e espaço de investigação também foi pautada por uma revisão da produção discente de pós-graduação em Educação no país⁵, entre 1980 e 1998. Ao longo da década de 1980, grande parte dos estudos fazia referência ao jovem trabalhador ou ao estudante

trabalhador, mas pouco se sabia sobre o trabalho concreto realizado por eles. As transformações que atingem o mundo do trabalho na década seguinte levaram a um aumento do número de pesquisas que buscavam compreender seus efeitos sobre o jovem e sua busca de qualificação ou sobre o sentido do trabalho na construção de sua identidade. No entanto, ainda eram reduzidos os estudos que adentravam o espaço concreto de trabalho dos jovens⁶ em busca de suas experiências.

Assim, nosso estudo foi planejado visando considerar o trabalho como dimensão importante na vida dos jovens e investigá-lo concretamente no espaço produtivo. Deste modo, nossa análise sobre os sentidos do trabalho e algumas questões sobre a escolaridade estarão pautadas pela explicitação da vivência juvenil em seu atual emprego, seus principais dilemas e questões. Também será preciso conhecer esse sujeito: além de operário, ele é jovem, homem ou mulher, migrante ou não, estudante ou não, filho de operário ou não.

As informações aqui apresentadas são parte de uma investigação de natureza quantitativa e qualitativa. Nosso trabalho de campo foi realizado por meio de um formulário com questões abertas e fechadas para 72 jovens operários e operárias entre 18 e 24 anos⁷ e de entrevistas com parte do corpo administrativo de três empresas do setor de autopeças da cidade de São Bernardo do Campo, no segundo semestre de 1998. Primeiramente, apresentaremos um breve perfil da região, das fábricas e dos jovens que nela trabalhavam para, em seguida, aprofundarmos a análise sobre suas experiências e os sentidos a elas atribuídos.

Um breve perfil da cidade, das fábricas e dos jovens investigados

A cidade de São Bernardo do Campo localiza-se em uma região eminentemente industrial – o ABC paulista, sendo fortemente afetada pela crise e mudança no mundo do trabalho e, ao mesmo tempo, pela busca de alternativas nesse campo, constituindo-se em um espaço privilegiado para nossa investigação.

Após mais de 30 anos de crescimento, a indústria do ABC sofre enorme impacto da combinação entre recessão e abertura às importações que caracteriza o cenário macroeconômico dos anos de 1990. Com enorme velocidade, o setor industrial cai de 52% dos empregos formais na região em 1989, para apenas 30% em 1999⁸. Na indústria

de material de transporte (montadoras e autopeças), o tamanho médio das fábricas cai de 666 para 357 empregados entre 1989 e 1996, retrato da profunda reestruturação ocorrida.

Em São Bernardo do Campo, os setores de comércio e serviço passam portanto a predominar, mas é ainda notável a importância do setor industrial, particularmente em termos de geração de valor agregado e arrecadação de tributos. A cidade permanece como importante referência para o complexo automotivo, mas isto não diminui a gravidade da crise ocupacional vivida na região, que se combina a um drástico esvaziamento industrial da cidade de São Paulo.

As três empresas pesquisadas – de pequeno (Ileto)⁹, médio (Cabo) e grande porte (Seta)¹⁰ – pertencem ao segmento de autopeças de São Bernardo do Campo e integram a cadeia produtiva de veículos automotores. O critério central para a escolha dessas empresas relacionou-se à maior concentração de jovens homens e mulheres trabalhando no setor produtivo e à permissão para realização de nosso estudo.

Embora com algumas diferenças, não observamos, nas empresas, mudanças profundas em relação às inovações técnicas e ao trabalho realizado pelos jovens operários e operárias. Inegavelmente, todas elas procuravam contratar trabalhadores mais escolarizados, visando promover ou consolidar limitadas mudanças organizacionais. Contudo, percebemos outros critérios no momento da admissão, principalmente relacionados à “indicação” – na visão dos jovens, a escolaridade de pouco influía no seu trabalho diário.

Era nessas empresas, pouco transformadas internamente, restritas em termos da participação dos trabalhadores nos processos de inovação e com elevada instabilidade, que se encontravam os jovens analisados.

Quem eram esses jovens operários? Apesar da semelhança de seu lugar no mundo do trabalho, eles também podem ser considerados em sua diversidade, marcando o sentido que as instituições – principalmente o trabalho – têm em suas vidas.

A sua idade média gira em torno de 22 anos. Em relação ao sexo (ver Tabela 1), observamos que as mulheres representam 37,5% de nossa amostra, uma porcentagem menor em relação aos homens, o que corresponde às estatísticas gerais relativas à menor presença feminina na indústria, muito embora o contingente de mulheres tenha crescido, bem como a participação feminina no mercado de trabalho¹¹.

Tabela 1 - Distribuição dos jovens operários segundo o sexo

SEXO	Ileiro		Cabo		Seta		Total	
	FA	%	FA	%	FA	%	FA	%
Feminino	0	0	11	52,4	16	44,4	27	37,5
Masculino	15	100,0	10	47,6	20	55,6	45	62,5

FA = frequência absoluta

A porcentagem de migrantes era elevada – 48,6%. Encontramos jovens que recentemente chegavam de outros Estados e, principalmente, da atividade agrícola, bem como filhos de operários. Suas famílias eram marcadas pela crise de dois mundos: o rural e o urbano-industrial.

Apesar de inseridos no mercado formal de trabalho, boa parte dos jovens entrevistados ainda permanece solteira: 63,9%. A situação conjugal e o tipo de arranjo domiciliar estão fortemente relacionados. Entre os casados prevalece a moradia independente, seguindo o dito popular: “quem casa, quer casa”. Mesmo assim, encontramos casais que ainda moravam com seus pais, tendo se unido em virtude de gravidez. Podemos apontar os seguintes tipos de arranjo:

- a) moradia com os pais (solteiros ou casados);
- b) com os respectivos cônjuges ou filhos;
- c) apenas com a mãe;
- d) com a mãe/pai e outros parentes, como avós, tios;
- e) apenas com outros parentes, como irmãos, avós, tios¹².

Como podemos observar na tabela 2 a seguir:

Tabela 2 - Distribuição dos jovens segundo o tipo de moradia

Mora com	Solteiros	FA	Casados	FA	Total	FA
Pais	52,1	25	8,3	2	37,5	27
Mãe	12,5	6	0,0	0	8,3	6
Mãe e outros parentes	6,3	3	0,0	0	4,2	3
Parceiro/a	0,0	0	91,7	22	30,6	22
Outros parentes	20,8	10	0,0	0	13,9	10
Outros	8,3	4	0,0	0	5,6	4
Total	100,0	48	100,0	24	100,0	72

Mais da metade da amostra é constituída por famílias organizadas nuclearmente: um casal e seus filhos. No entanto, esse modelo de organização não é geral¹³. Há uma porcentagem significativa de unidades familiares pluriparentais, somando jovens que moram com a mãe e outros parentes ou apenas com outros parentes, neste último caso há uma relação direta com jovens que migram e passam a residir com familiares. Já o número de unidades monoparentais é menor. Notamos uma pequena porcentagem de jovens casados que moram com os pais. Encontram-se nessa situação os casais que, em virtude de uma gravidez e sem condições de residirem de maneira independente, passam a morar juntos na casa de uma das famílias (neste caso, com a família dos jovens operários).

A tabela anterior atesta a necessidade de considerar diferentes modelos de organização familiar, tal como vêm evidenciando os estudos de Fonseca (1987) e Sarti (1994), para os quais o conceito de família deve levar em conta a diversidade de arranjos e trajetórias, algo ainda embrionário no Brasil. Em nosso caso, podemos considerar como unidades familiares todos os arranjos apontados acima. Além disso, o fato de um jovem morar apenas com sua mãe pode não significar a ausência de alguma autoridade masculina (que pode ser assegurada pelos próprios filhos) ou que todos desempenhem papéis tradicionalmente conhecidos nos outros arranjos¹⁴. Mesmo a organização inicialmente apresentada pode ser muito fluida.

A renda média familiar dos jovens das três empresas é de aproximadamente R\$ 1200,00¹⁵. Conforme o gráfico a seguir podemos perceber que as faixas de renda concentram-se em torno de 5 a 10 salários mínimos (entre R\$ 650,00 e R\$1300,00)¹⁶.

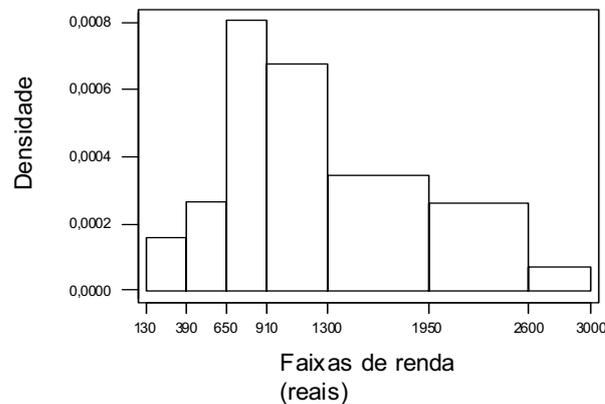


Gráfico 1 - Distribuição dos jovens segundo a renda familiar¹⁷.

Nenhuma das famílias tinha renda inferior a R\$ 300,00 e o maior valor apresentado foi de R\$ 3000,00. Em relação ao sexo, há algumas diferenças. Os homens são maioria na faixa inferior de renda familiar assim como na superior. Porém, a renda média familiar das mulheres é menor: R\$ 1 073,00 (contra R\$ 1 415,00 para o conjunto masculino). A renda média familiar dos solteiros concentra-se em torno de R\$ 1 450,00 enquanto a renda média familiar dos casados é de R\$ 900,00. As menores faixas de renda estão entre os casados, enquanto as maiores estão entre os solteiros.

Em relação à escolaridade, a grande maioria dos jovens aqui investigados (78%) já concluíra o ensino fundamental¹⁸, sendo que 59% avançaram para o ensino médio e 4% chegaram ao ensino superior. Considerando as estatísticas mais gerais relativas à escolarização dos jovens entre 18 e 24 anos na Região Metropolitana de São Paulo, o grau de escolaridade dos sujeitos de nossa amostra não é baixo¹⁹. Ainda assim, encontramos operários e operárias que não tinham completado o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, embora todos tivessem idade para tal (Conforme Gráfico 2).

Embora estatisticamente não tenhamos diferenças significativas entre homens e mulheres²⁰, algumas variações merecem apontamento. Em relação ao ensino fundamental as operárias superam os operários: apenas 15% delas ainda não completaram o ensino fundamental contra 27% dos homens. No entanto, a porcentagem dos homens que já completaram o ensino médio é superior (29% contra 19%), como vemos no gráfico a seguir:

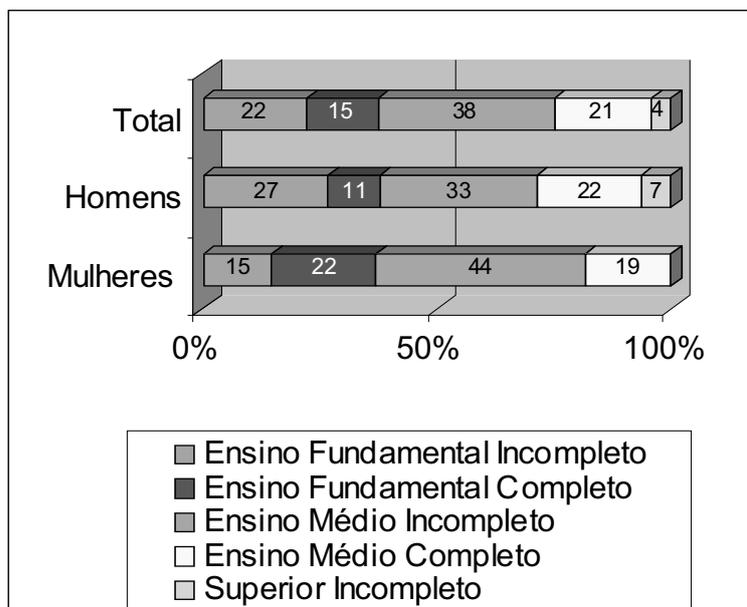


Gráfico 2 - Distribuição dos jovens entrevistados segundo a escolaridade e o sexo

Ainda que 75% dos jovens aqui retratados não tivessem completado a escolaridade básica, apenas 25% deles freqüentavam a escola no momento da pesquisa. Metade desses estava matriculada no ensino supletivo, enquanto a outra metade, sem nunca ter deixado a escola, estava finalizando o ensino médio e cursando o ensino superior.

Tendo ingressado cedo no mercado de trabalho – boa parte (45%) deles antes da idade permitida por lei – 75% do total dos jovens investigados nos relataram terem vivido uma ou mais experiências de desemprego e todos se mostravam preocupados com o cenário de desemprego que se configura no país ou região: 93% afirmaram ter algum amigo desempregado, mas a maior parte deles não atribui aos indivíduos a responsabilidade pelo desemprego. Para 70% deles ele é resultado de uma crise geral, ausência de políticas e evasão industrial da região do grande ABC paulista.

A despeito da crise, estes jovens estão empregados no mercado formal de trabalho. Como conseguiram? Esta é a questão retratada no Gráfico 3 e não houve diferenças entre as empresas. Os migrantes recém-

chegados e os nascidos na região, todos com baixa escolaridade, ingressam nas empresas por meio de uma rede de relações pessoais, geralmente por meio de algum amigo ou parente.

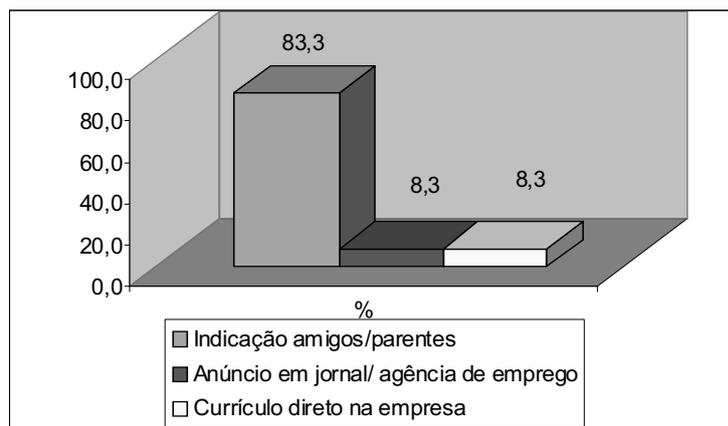


Gráfico 3 - Distribuição dos jovens segundo a forma de obtenção do emprego atual.

Por outro lado, processos formais para obtenção do emprego, como a resposta a anúncios e o envio de currículos, não deixam de existir mas ficam em segundo plano. Neste caso, o ingresso parece vinculado principalmente à maior escolaridade, pois todos os contratados pelo processo formal já tinham completado o ensino fundamental.

O lugar do trabalho fabril em suas vidas não vinha dissociado do seu perfil e notamos sua diversidade em relação à naturalidade, estado civil, renda, família, escolaridade. Encontramos jovens recém-chegados de outros Estados e principalmente da atividade agrícola, bem como filhos de operários, ora mais, ora menos escolarizados, todos trabalhando no mesmo espaço e exercendo basicamente as mesmas funções, com exceção dos raros jovens qualificados.

Jovens operários e a experiência fabril

Esses jovens passam no mínimo oito horas de seu dia no ambiente fabril. Em seu interior, a maior parte realiza funções consideradas semi ou

pouco qualificadas²¹. Encontramos apenas um número pequeno deles em postos qualificados, predominantemente do sexo masculino. As mulheres assumem postos em geral vistos como menos qualificados na produção.

Todos os jovens tinham registro em carteira e benefícios, como convênio médico, cesta básica ou vale alimentação, vale transporte, horário regular e a garantia de um salário mensal. A média salarial era de R\$ 550,00 sendo menor na média empresa (R\$ 300,00) e mais elevada na grande empresa (R\$ 600,00). As maiores diferenças salariais entre os jovens são notadas na empresa Seta e relacionam-se com ocupação e escolaridade técnica. Salários diferenciados são pagos para os três jovens da ferramentaria dessa empresa. Na linha de montagem, onde trabalha a quase totalidade dos jovens, não percebemos diferenças salariais em relação a sexo e escolaridade.

Ao chegarem à fábrica, a compreensão do espaço e da atividade é lenta e conduzida, fundamentalmente, com o apoio de outros colegas de trabalho:

“Aqui você chega e não tem assim um treinamento especial. A gente já começa a trabalhar e vai aprendendo. O chefe explica uma vez, mas aí você vai aprendendo com outros colegas. E sempre é assim. Qualquer mudança a gente vai aprendendo com os colegas.” (H, 21 ANOS, SQ, EMPRESA ILETRO)²².

Em nenhum dos casos os novos funcionários, ao ingressarem na fábrica, recebem um treinamento mais específico sobre a atividade que irão realizar. Seu treinamento ocorre portanto no próprio posto de trabalho.

Na relação com os adultos no interior da fábrica, a falta de experiências é desfavorável. Mesmo os jovens mais qualificados alegam a dificuldade em expor suas idéias no trabalho:

“Aqui é sempre assim. A chefia só ouve os funcionários mais velhos, que eles dizem que têm mais experiência. E se tem que demitir alguém, já demite logo o mais novo.”(H, 18 ANOS, FERRAMENTEIRO Q, EMPRESA SETA)²³.

Além de enfrentarem as dificuldades de uma organização do trabalho que dá pouca voz aos trabalhadores de maneira geral, a idade e a pouca experiência acabam criando mais dificuldades para que sejam ouvidos de fato. Além disso, há um receio em participar mesmo quando chamados a fazê-lo, já que as relações ainda são muito hierarquizadas, com pouco espaço para participação no cotidiano²⁴.

Dentre os problemas destacados pelos jovens (como baixos salários, condições pouco adequadas de trabalho), principalmente nas pequena e

média empresas, o que emerge como mais central entre operários e operárias é a grande dificuldade em mudar de cargo e função no interior das empresas – o que é mais acentuado entre aqueles que têm mais anos de trabalho e são um pouco mais velhos, embora esteja presente entre todos. Isto revela um elemento importante a respeito da entrada dos jovens na fábrica: ao ingressarem como auxiliares de produção, ajudantes ou operadores de máquinas, objetivam ascensão, dificultada pela diminuição cada vez maior de postos de trabalho na indústria.

“Aqui não muda não. Eu já fiz muitos cursos no SENAI desde que estou aqui e não consigo sair do lugar. A gente quer mudar, mas não tem chance. Só alguns mais puxa-sacos ou as meninas mais bonitinhas que ainda podem conseguir alguma coisa.” (H, 23 ANOS, Q, EMPRESA SETA).

Em alguns casos a mudança de cargo e função acontecia, mas o salário e o registro em carteira permaneciam os mesmos:

“Aqui você trabalha e não muda de cargo. Me deram mais responsabilidade, me colocaram na máquina, mas eu continuo registrada como ajudante. Se mudasse na carteira, seria legal. A gente acaba ficando sem profissão; quando sair, como vai dizer a profissão?” (M, 22 ANOS, SQ, EMPRESA CABO).

É interessante confrontar esta expectativa dos jovens com a visão dos gestores. Estes, principalmente nas pequenas e médias empresas, afirmam que os jovens operários consideram a fábrica apenas como um “trampolim” para outras atividades.

O ingresso em espaços com número considerável de mulheres trabalhando revelou as muitas vezes invisíveis questões relativas ao seu trabalho. As mulheres ingressam na fábrica, de modo geral, para realizar trabalhos para os quais, segundo as gerências, os homens são menos aptos. Mãos delicadas e paciência são os atributos destacados²⁶. Ou seja, o trabalho que fazem é considerado “fácil”, “simples” (especialmente no discurso das chefias), sem exigência de qualificação. Assim, para as mulheres a questão do conteúdo é mais enfatizada²⁷. Como cabe a elas a realização do trabalho mais repetitivo, suas queixas em relação ao conteúdo são maiores. Suas falas evidenciam os dilemas vividos:

“Eu fico enjoada de todo dia fazer a mesma coisa. Passa o tempo e você vai ficando até meio tonta de tanto olhar essas pecinhas.” (M, 24 ANOS, PQ, EMPRESA SETA).

A persistência de práticas e atividades associadas ao modelo taylorista-fordista é mais clara entre as mulheres. E essas jovens não deixam de fazer uma crítica viva ao modelo; além da repetição, na linha de montagem o ritmo imposto é excessivo:

“O trabalho mesmo eu não gosto, é muito monótono, o ritmo cansa muito. Quando a gente pára um pouquinho, vem o chefe e já dão mais serviço. Aí a gente faz o que eles pedem, vou fazendo...” (M, 23 ANOS, SQ, EMPRESA CABO).

Além da relação com tarefas repetitivas e cansativas, essas mulheres convivem com os encontros e desencontros entre os universos feminino e masculino. Ser considerada bonita ou feia pelos homens, e fundamentalmente pelas chefias, poderia levar a mudanças no próprio trabalho. Ainda que a existência do assédio sexual tenha sido negada pelas chefias, tanto homens quanto mulheres evidenciaram que esta é uma questão muito presente, influenciando nas mudanças de cargo, na obtenção de favores, em regalias no trabalho e por vezes se convertendo também em problemas, como sinaliza o fato de 18,5% das mulheres terem destacado como problemática a relação com colegas de trabalho e chefias.

“Bem.. aqui se você tem aparência mais ‘fraquinha’, não consegue subir não. Você é sempre posta de lado, eu vejo isso aqui. Muitas ‘bonitinhas’ é que conseguiram mudar de função.” (M, 23 ANOS, SQ, EMPRESA SETA).

Poucos jovens deram destaque positivo ao conteúdo das atividades. Para boa parte, seu trabalho é fácil, com dificuldades iniciais mas ainda muito ligado ao esforço físico, principalmente nas duas empresas menores. Demonstram pouco orgulho e ao mesmo tempo enfatizam o pouco interesse da empresa em torná-los mais qualificados.

“O trabalho aqui ainda é força bruta. A gente é peão mesmo, tem que usar muito a força, fica repetitivo. Como a gente pode se realizar com um trabalho desses?” (H, 23 ANOS, SQ, EMPRESA CABO).

Neste caso, o trabalho exercido ainda requeria dos operários muita força física. Nas entrevistas com as gerências, foram apontadas mudanças nos maquinários, visando tornar o trabalho mais leve. No entanto, quando observamos as atividades no chão da fábrica, as falas dos jovens operários ganham mais sentido.

Para os raros jovens que exerciam atividades mais complexas (dez jovens com trabalho mais qualificado), a fala sobre o conteúdo vem

mais aliada à preocupação em realizar as tarefas adequadamente, em encontrar boas ferramentas, à satisfação com o trabalho realizado, ainda que também tenham destacado problemas; não falam em repetição, peso, rotina ou na facilidade de seu trabalho. Têm mais orgulho daquilo que realizam, seja por sua qualificação técnica para o trabalho – no caso dos jovens ferramenteiros ou dos que fizeram cursos técnicos –, seja por estarem operando máquinas consideradas mais complexas, que exigem um grau maior de responsabilidade. Mas não percebem, nas empresas, maior valorização de seu trabalho.

“Temos que saber muito das ferramentas para dar conta de nosso trabalho. Eu gosto do que faço, mas gostaria de aprender ainda mais e que fosse mais reconhecido.” (H, 19 ANOS, Q, EMPRESA SETA).

As queixas dos jovens qualificados são geralmente dirigidas contra as chefias e motivadas pela pouca autonomia. Aqueles com qualificação técnica não conseguiam usar sua criatividade para resolver problemas e promover melhorias nos processos²⁷, tendo sempre que recorrer a um nível superior. Já no caso dos migrantes, o conteúdo do trabalho fabril era contraposto àquele realizado na roça ou no pequeno comércio.

No caso das mulheres, principalmente das casadas, as tarefas realizadas na fábrica têm uma conotação mais positiva quando comparadas às tarefas domésticas²⁸:

“Claro que esse trabalho aqui é muito importante, não me traz só problemas. Além de construir minha casa com ele, aqui a vida com os colegas é bem legal. Eu não agüentaria ficar em casa, estou gostando de estar aprendendo, conhecendo mais gente.” (M, 22 ANOS, SQ, EMPRESA SETA).

A fala desta jovem revela que a fábrica é para esses jovens – principalmente para as mulheres – um importante espaço de aprendizado e de sociabilidade. Para os jovens pouco escolarizados, a experiência de trabalho fabril também era vista como mobilizadora para o retorno à escola e, embora inicialmente por razões instrumentais, este retorno significava, inclusive, a possibilidade de se tornarem bem informados e melhor inseridos socialmente.

“Eu voltei a estudar porque foi uma exigência da fábrica. Eu voltei e continuo aqui, mesmo salário, mesma função. Mas eu cresci muito com a escola também, mais fora daqui, né? Sei mais das coisas, um pouco mais.” (H, 23 ANOS, SQ, SETA).

Mas aqui vale ressaltar o espanto inicial desses jovens com as exigências de retorno à escola por parte das empresas, principalmente entre os jovens da grande empresa. Revelam inicialmente que não compreendem o porquê da necessidade de um maior tempo de estudo. Para os jovens, parecia claro que o interesse da empresa estava mais centrado na obtenção das certificações de qualidade. Ao mesmo tempo, em um segundo momento relacionavam a escolaridade a algumas mudanças concretas no espaço de trabalho. Alguns deles terminam evidenciando que o trabalho realizado passara a exigir ao menos alguns conhecimentos básicos de Língua Portuguesa e Matemática, embora muitas vezes de forma vaga.

Entretanto, as desconfianças em relação ao investimento em uma escolaridade mais prolongada estão presentes principalmente entre os mais escolarizados:

“A gente estuda, estuda e acaba tendo que fazer um trabalho desses... não tem nada a ver. Não precisava nem da 4ª série para estar aqui fazendo esse serviço. Quando alguém muda de lugar aqui é difícil ter a ver com o fato de ter estudado mais.” (M, 20 ANOS, NQ).

No exercício de suas tarefas diárias, os jovens vêem pouca relação com o conhecimento formal obtido na escola. Ainda que alguns acabem por enfatizar a importância da Matemática e da Língua Portuguesa, não deixam de reiterar a pouca necessidade do ensino fundamental completo e a relação das exigências menos com o conteúdo do trabalho que com a obtenção das certificações por parte das empresas. Além disso, percebem que a ascensão na empresa, as mudanças de cargos e salários, a permanência no emprego estão menos relacionadas com a escolaridade que com as relações sociais construídas no interior da própria fábrica.

Mas, entre todos os destaques dados à importância do trabalho fabril em suas vidas, o principal refere-se à importância da relação de emprego. A despeito de todos os aspectos positivos e negativos vividos no interior do espaço fabril, a grande maioria dos jovens afirma que, gostando ou não, ocupam seus empregos e só pensam em deixá-los quando um novo posto surgir, ou se conseguirem ascender na própria empresa.

“Eu acho que o importante de estar aqui na fábrica é o emprego mesmo. E até mais do que o salário que a gente recebe, sabe? Ter emprego hoje, com registro, convênio, essas coisas, não é fácil, não.” (H, 22 ANOS, SQ).

Diante de um cenário de diminuição do número de empregos formais ao longo dos anos 90, que atingiu fortemente a região do Grande ABC, os jovens valorizam de maneira incisiva o lugar que ocupam no mercado de trabalho.

Os significados do trabalho

Para todos os jovens operários, a fábrica era vista como central por representar um *locus* seguro em termos de renda e benefícios. A busca pela construção de uma carreira operária não era vista como um movimento fundamental. A possibilidade de ascensão social pela fábrica mostrava-se frágil, principalmente entre filhos e filhas de trabalhadores metalúrgicos. Entre os migrantes, as expectativas e o desejo de permanecer no ambiente fabril também eram pequenos. No cenário em que faltam empregos, as expectativas se fragilizam.

O vínculo formal de trabalho representa um privilégio que é preciso manter, independentemente do que fosse considerado positivo ou negativo no interior de suas empresas. Nesse sentido mostram-se satisfeitos: querem permanecer na condição de trabalhadores, que lhes conferia identificação positiva de si mesmos, e como jovens, o que lhes permitia pensar na perspectiva de mudança.

Entre os jovens operários e operárias ficou evidente a centralidade do emprego, também relacionada à conjuntura vivida. Se isso acaba tornando menos importantes outros aspectos do trabalho, não significa que este trabalho deixe de ter sentidos diferenciados, para além do acesso à renda (BAJOIT; FRANSEN, 1997).

Também identificamos outros sentidos do trabalho entre os jovens, que extrapolavam a relação com o mundo fabril:

- a) Independência pessoal: considerada principalmente pelas mulheres casadas, pois trabalhar significa a possibilidade de sair da esfera doméstica, relacionar-se socialmente, sentir-se independente de seus parceiros, contribuindo para uma visão positiva de si próprias. Como afirma uma das jovens:

“Olha, não dá para ficar em casa todo dia passando, lavando, cozinhando, pedindo dinheiro para o marido. Trabalhar também serve para me distrair, fazer amizades, ter meu próprio dinheiro.” (M, 21 ANOS, SQ)

Entre aqueles mais jovens e solteiros, esta independência adquire um outro sentido: a independência em relação aos pais, a autonomia financeira e, a partir desta, a maior autonomia em outras esferas da vida.

- b) Dignidade: se o sentido anterior era predominantemente feminino, este é exclusivamente masculino, e vem associado à possibilidade de prover sua família com os meios necessários para sobreviver de maneira honesta, além do fato de não ser confundido com o “bandido”, o “marginal”. *“Tirando o dinheiro, trabalhar é para mim uma maneira de ser mais bem visto na sociedade, não ser encarado como ladrão.”* (H, 21 ANOS, SQ).
- c) Realização pessoal: este último sentido foi enfatizado por jovens mais escolarizados, solteiros, nascidos na cidade. É atribuído a um trabalho futuro (em geral longe da fábrica), fortemente ligado à vida e não apenas um meio de sobrevivência. A escolaridade ainda é vista como um meio para o alcance de um trabalho que lhes possibilite a realização pessoal. *“O trabalho tem a ver com satisfação pessoal para mim. Eu quero fazer um trabalho que goste de fato, não qualquer coisa. Brigo muito com meu pai por causa disso. Ele acha que tenho que ficar aqui a qualquer custo. Eu não vou ficar, não estou feliz. Quando conseguir fazer faculdade vou sair, até antes disso se der. [...] Mas também agora ainda está difícil pensar em sair. Como fazer com toda essa crise?”* (M, 19 ANOS, NQ).

Apenas entre poucos jovens inseridos em um trabalho mais qualificado, o trabalho atual era associado a este sentimento de realização.

A este conjunto de sentidos, associavam-se projetos que tornaram mais evidentes a importância do trabalho na vida desses jovens. Ao mesmo tempo, contudo, o trabalho na fábrica perde relevância. Com exceção daqueles jovens operários que já exerciam um trabalho mais qualificado e acreditavam poder se estabelecer na fábrica como engenheiros ou ocupando postos de chefia; com a cautela de outros trabalhadores, cuja idade mais elevada, baixa escolaridade e formação técnica ausente não lhes permitia vislumbrar muitas alternativas – a não ser acreditar na possibilidade de permanecer na fábrica até conseguir emprego em uma montadora –, na realidade a maior parte do conjunto pesquisado tinha outros projetos para o seu próprio mundo do trabalho.

Os homens pouco escolarizados e boa parte dos migrantes buscavam a saída no negócio próprio, expectativa há tempos existente no Brasil. As mulheres casadas, com poucas expectativas em relação à vida escolar, pensavam em subir do chão de fábrica até o escritório. E a maior parte dos jovens nascidos na região e com escolaridade elevada projetava seu ingresso no ensino superior ou mesmo o término de seus cursos para engajar-se em trabalho mais realizador.

Mas, a despeito dos sentidos e dos projetos para o mundo do trabalho, há algo de comum que perpassa todos esses jovens: a dificuldade em acreditar que o alcance de suas expectativas seja possível e, conseqüentemente, o seu firme atrelamento ao momento presente (MELUCCI; FRABBRINI, 1992; IARD, 1997). Diante da crise, a sua realização profissional é deixada para segundo plano. Era apenas o fato de se considerarem jovens que lhes permitia acreditar na possibilidade de mudança.

Ao mesmo tempo é inegável que o trabalho permanece como esfera importante para a maioria dos jovens operários e operárias que encontramos – e para além de uma dimensão exclusivamente instrumental. Embora não seja o único, o trabalho permanece como um lugar significativo de seu intenso mundo, no qual ainda depositam boa parte de seus sonhos e projetos.

Notas

- 1 As reflexões aqui desenvolvidas foram apresentadas na 25ª Reunião da ANPED e são parte da pesquisa desenvolvida para nossa dissertação de mestrado intitulada: *Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo de jovens operários e operárias de São Bernardo do Campo*, defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), em agosto de 2001, sob orientação da Prof. Dra. Marília Pontes Sposito e apoio da FAPESP.
- 2 Embora a metodologia utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística seja mais restrita, consideraremos aqui essas taxas por sua abrangência nacional.
- 3 Por desemprego aberto deve ser entendida a situação vivida pelas pessoas que não realizaram qualquer tipo de trabalho remunerado e que procuraram emprego no período de referência da pesquisa.

- 4 Pesquisa realizada pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE) e pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE).
- 5 A análise de todas as dissertações e teses sobre a temática jovens, trabalho e escola, produzidas entre 1980 e 1998, pode ser encontrada em Corrochano e Nakano (2001). Este estudo é parte do Estado do Conhecimento sobre Juventude, realizado para o Inep sob a coordenação de Sposito (2001).
- 6 Em relação a esse subtema podemos apontar os estudos de Kappel (1992), Ulup (1994) e Silva (1998).
- 7 Esta delimitação relaciona-se com as orientações demográficas contidas em um amplo estudo sobre a juventude brasileira (COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO, 1998) e com a realidade fabril. Segundo esse estudo, a juventude no Brasil corresponde à faixa etária entre 15 e 24 anos, podendo ser dividida em adolescência (15-19 anos) e juventude propriamente dita (20-24 anos). Como nosso intuito era estudar jovens operários com vínculo formal de emprego, optamos por entrevistar jovens acima dos 18 anos de idade.
- 8 O número de empregos industriais no ABC cai de 295 mil para 224 mil entre 1990 e 1997, com uma perda líquida de 71 mil postos formais (DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS, 1999, p.66).
- 9 Os nomes das empresas são fictícios.
- 10 Para essa divisão, seguimos a classificação do Sebrae: pequena empresa, até 99 empregados; média empresa, de 100 a 499 empregados; grande empresa, acima de 499 empregados.
- 11 Entre 1994 e 1998, a participação feminina no mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo cresceu de 47,3% para 50,9%. Todavia, a participação feminina no mercado de trabalho industrial permaneceu menor (Fundação Seade, Pesquisa de Condições de Vida, 1998). Em relação ao setor de autopeças de São Bernardo do Campo, 31% dos jovens entre 18 e 24 anos são do sexo feminino.

- 12 A categoria “Outros” representa uma jovem viúva, um jovem que mora sozinho e dois jovens migrantes que moram com amigos.
- 13 Como afirma Sarti (1998), hoje reconhece-se não existir um único modelo de família, como o modelo nuclear. “[...] há uma tendência a se falar em famílias, pela sua diversidade de modelos empíricos. Além das famílias nucleares, que continuam sendo maioria, há famílias monoparentais, que cada vez aumentam mais, famílias extensas, que persistem. Diz-se então que não existe ‘a família brasileira’, mas ‘famílias brasileiras’”.
- 14 Fonseca (1987), Sarti (1994).
- 15 Esta média aproxima-se do rendimento médio dos trabalhadores do setor industrial, particularmente do setor metal-mecânico no Grande ABC, que se concentrava em torno de 1280 reais no ano de 1998 (SEADE, 2001). quando realizamos esta pesquisa.
- 16 Dividimos as faixas de acordo com os rendimentos verificados em nossa amostra e com divisões apresentadas pelo Censo Demográfico do IBGE. Valor do salário mínimo no momento da pesquisa: R\$ 130,00.
- 17 Como as classes de rendimento tinham tamanhos desiguais a construção desse Histograma considerou a Densidade, que significa a divisão da Frequência Absoluta ou Relativa pelos diferentes tamanhos de cada uma das classes (amplitude). Isto é importante para obtenção de uma representação gráfica mais fiel aos dados (BUSSAB; MORETTIN, 1987).
- 18 Segundo dados da RAIS (1998, 1999) no setor de autopeças, na cidade de São Bernardo do Campo, 87% dos jovens da área produtiva e não produtiva entre 18 e 24 anos tinham o ensino fundamental completo. Considerando que entrevistamos apenas jovens do setor produtivo, podemos afirmar que a porcentagem dos que já completaram o ensino fundamental em nossa amostra aproxima-se da porcentagem entre os jovens do setor de autopeças em São Bernardo do Campo. Em relação à porcentagem de jovens que já completaram o ensino fundamental e trabalham na área produtiva do setor de autopeças no Brasil como um todo, em torno de 61%, os jovens aqui investigados têm maior vantagem.

- 19 Segundo dados da Fundação SEADE para a Região Metropolitana de São Paulo, no ano de 1998, temos as seguintes taxas de escolaridade entre jovens na faixa etária de 18 a 24 anos: 34,9% não tinham completado o ensino fundamental, 14,7% tinham o ensino médio incompleto, 27,1% tinham o ensino médio completo e 12,4% o ensino superior completo. Os jovens aqui investigados só apresentam porcentagem de escolaridade menor que os jovens da Região Metropolitana de São Paulo em relação ao ensino médio completo e superior completo.
- 20 Pelo teste de hipóteses realizado, concluímos que a distribuição das freqüências para o cruzamento escolaridade/sexo é homogênea, ou seja, não há diferenças estatisticamente comprováveis em relação ao sexo e escolaridade.
- 21 Para essa divisão seguimos critérios de classificação em torno do conceito de qualificação – ainda que esteja clara sua limitação. Discute-se hoje o próprio conceito de profissão, assim como a noção de “competência”. Como não é o objetivo de nossa pesquisa, limitamo-nos a fazer uma conceituação a partir da Classificação Brasileira de Ocupações, na distinção de tarefas “mais simples e mais complexas”, da opinião de pesquisadores dedicados ao estudo de sistemas produtivos e refletindo diferenças percebidas nas observações de campo. Assim, selecionamos jovens alocados na produção, de maneira direta ou indireta, classificando-os em qualificados, semiquualificados e pouco-qualificados.
- 22 Para identificar as falas juvenis aqui retratadas utilizaremos a seguinte abreviação: H = homem, M = mulher, idade, Q = qualificado, SQ = semiquualificado; PQ = pouco-qualificado.
- 23 Conversamos informalmente com alguns funcionários mais velhos que parecem construir argumentação contrária, como um dos ferramenteiros: “Agora, com essas mudanças, ficam valorizando os mais jovens, só porque são mais estudados. Mas muitos de nós, que nem completamos a 8ª série, sabemos muito bem fazer o serviço aqui. E muita molecada não quer nem saber de ouvir a gente”. Sobre a participação e o aproveitamento das contribuições do trabalhador direto aos programas de reestruturação nas empresas, cf. Quadros (1994 e 1995), Graziadio (1998) e Bresciani (2001).

- 24 Todas as formas organizacionais encontradas para incentivar a participação do trabalhador, como atividades em pequenos grupos, círculos de qualidade e programas de melhoria contínua, estavam pouco presentes nessas empresas. Só encontramos a tradicional caixa de sugestões que, segundo as próprias gerências, ficavam vazias. Apenas na grande empresa Seta havia uma política mais efetiva para participação dos trabalhadores, ainda assim limitada, na opinião dos jovens.
- 25 Cf. Lobo (1992, p.149): “no caso da divisão sexual de funções e tarefas incidem tanto estratégias de utilização (apropriação) do corpo, através de suas ‘qualidades’ naturais ou sociais, como representações de qualidades. Assim, os dedos ágeis, a paciência, a resistência à monotonia, são considerados próprios da força de trabalho feminina. [...] a própria qualificação é sexuada e reflete critérios diferentes para o trabalho realizado por homens e mulheres, ocorrendo freqüentemente uma desqualificação do trabalho feminino, assimilado a dons naturais, desconsiderando-se o treinamento informal.”
- 26 Dos oito jovens que apontam problemas com o conteúdo das tarefas em primeiro lugar, cinco são mulheres. Ou seja, este problema é enfatizado por 18,5% das operárias e por 6,7% dos operários.
- 27 Sobre a recorrência deste padrão e suas possibilidades de transformação na indústria brasileira, cf. Salerno (1991 e 2000), Quadros (1994;1995), Marx (1998), Gitahy (2000) e Bresciani (2001).
- 28 Hirata (1998).

Referências

ABRAMO, H. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

BRESCIANI, L. P. *O contrato da mudança: a inovação e os papéis dos trabalhadores na indústria brasileira de caminhões*. 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica)-DPCT/IG da Universidade estadual de Campinas - Campinas, 2001.

COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília, 1998. 2 v.

PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 425-450, jul./dez. 2004

<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>

CORROCHANO, M. C. *Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo dos jovens operários e operárias de São Bernardo do Campo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____; GOUVÊA, J. L. A dança das cadeiras: os jovens e os mundos do trabalho no Brasil contemporâneo. In: DESEMPREGO juvenil no Cone Sul: uma análise de década. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2003.

_____; NAKANO, M. Jovens, mundo do trabalho e Escola. In: JUVENTUDE e escolarização: 1980/1998. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002. (Estado do Conhecimento, 7).

DAUSTER, T. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. *CADERNOS DE PESQUISA*, São Paulo, n. 82, 1992.

FONSECA, C. Aliados e rivais na família: o conflito entre consanguíneos e afins em uma vila porto-alegrense. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 2, n. 4, 1987.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS. *Trabalho e reestruturação produtiva: 10 anos de linha de produção*. São Paulo, 1994.

_____. Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. *Região do ABC: indicadores relevantes*. São Bernardo do Campo, jun. 1999.

FERRETTI, C. J. et al. (Org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

GITAHY, L. *A new paradigm of industrial organization: the diffusion of technological and managerial innovations in the Brazilian industry*. Uppsala: Uppsala University, 2000.

GORZ, A. *Metamorfosis del trabajo*. Madrid: Sistema, 1991

GRAZIADIO, T. *Diagnóstico da capacidade tecnológica de PMEs de setores tradicionais: relato de três casos da indústria de autopeças no Rio Grande do Sul*. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

HARVEY, D. *Condição pós moderna*. São Paulo: Loyola, 1996.

HIRATA, H. Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero. *Revista Latino-Americana de Estudios del Trabajo*, n. 7, 1998.

PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 22, n. 02, p. 425-450, jul./dez. 2004

<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>

IARD. *Giovani verso Duemile*. Milano: IARD, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA .
Pesquisa Mensal de Emprego (PME) anos de 1990. Brasília: IBGE, 1999.

LEITE, M. P. Competitividade e trabalho na cadeia automotiva brasileira. *Cedes*, Campinas, 1997. Programa de Pesquisa em Ciência, Tecnologia, Qualificação e Produção.

LOBO, E. S. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MATTOSO, J.; BALTAR, P. Transformações estruturais e emprego nos anos 90. *Cadernos do CESIT*, Campinas, n. 21, out. 1996.

MARX, R. *Trabalho em grupos e autonomia como instrumentos da competição*. São Paulo: Atlas, 1998.

MELUCCI, A. ; FABBRINI, A. *L'età dell' oro: adolescenti tra sogno ed esperienza*. Milano: Feltrinelli, 1992.

POCHMANN, M. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 90. In: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (Org.). *Desemprego juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais*. Brasília, 1999.

POCHMANN, M. *A batalha pelo primeiro emprego*. São Paulo: Publisher, 2000.

QUADROS, W. Evolução da ocupação e desocupação por faixas etárias em São Paulo na década de noventa. Campinas: SERT/SP/ Fundação Economia de Campinas, 2002. Relatório parcial maio.

QUADROS C., R. Capacitação tecnológica limitada e uso do trabalho na indústria brasileira. In: SEADE. *Brasil em artigos*. São Paulo: Fundação Seade, 1995.

_____. Capacitação tecnológica, revalorização do trabalho e educação. In: FERRETI, C. et al. (Org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1994.

SALERNO, M. S. *Projeto de organizações integradas e flexíveis: processos, grupos e gestão democrática via espaços de comunicação-negociação*. São Paulo: Atlas, 1999.

- SALERNO, M. S. *Flexibilidade, organização e trabalho operatório*: elementos para análise da produção na indústria. 1991. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção)- EPUSP, São Paulo, 1991.
- SARTI, C. *A família como espelho*: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo. 1994. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1994.
- _____. *Família e juventude*. São Paulo: 1998. Mimeografado.
- SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. *Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) fevereiro de 2003*. São Paulo: SEADE/DIEESE, 2004.
- SILVA, M. M. *Programa de trainee*: formação e identificação com a empresa diante do mercado de trabalho globalizado. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.
- SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*: Revista de Sociologia, São Paulo, v. 5, 1994.
- _____.(Org.). *Juventude e escolarização*: 1980/1998. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2001. (Estado do Conhecimento, n. 7).
- TREVISAN, L. Jovens, mentiras e desemprego. In: DOWBOR et al. (Org.). *Desafios do trabalho*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004
- ULUP, L. *Trabalho-escola*: por onde passa a qualificação profissional? 1994. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Estudos Avançados em Educação do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

Young men and women workers – factory experiences and the meanings of work

Abstract:

This article is about the issue of work and the perceptions about work held by young factory workers and makes some comments about their schooling. To undertake this study young men and women workers and company managers at three auto parts factories in São Bernardo do Campo were interviewed with a questionnaire that included open and closed questions. First the problematic of the study was contextualized and inserted within educational research about the relationship between youth, work and school. Then some aspects of the profile of youth investigated were presented, focusing on their experience with factory work. Finally, a portrait is presented of the different understandings of the meaning of work in the lives of young men and women workers.

Key words:

Labor market. Unemployment.

Jóvenes operarios y operarias – experiencia fabril y sentidos del trabajo

Resumen:

El presente artículo tiene como referencia la cuestión del trabajo y las percepciones que los jóvenes trabajadores de la fábrica tienen sobre él mismo, realizando algunas consideraciones sobre la escolarización. Se realizaron 72 entrevistas a jóvenes obreros y obreras (con formularios abiertos y cerrados), y al cuerpo administrativo de tres fábricas del sector de auto piezas de São Bernardo do Campo (São Paulo- Brasil). En un inicio se contextualiza la problemática del estudio y su inserción en la investigación educacional sobre la tríada: jóvenes, trabajo y escuela. Posteriormente, se presentan algunas características del perfil de los jóvenes investigados, centrando algunos aspectos de la experiencia laboral de ellos en la fábrica. Finalmente, se retratan los diferentes sentidos del trabajo en la vida de los jóvenes obreros y obreras.

Palabras claves:

Mercado de trabajo. Desempleo.

Maria Carla Corrochano
Rua Caperuçu, 85.
Mirandópolis, Tel: comercial (11) 31512333
CEP: 04051-030 - São Paulo/SP
E-mail: carla@acaeducativa.org

Recebido em:28/04/2004
Aprovado em:15/07/2004